

# O IMAGINÁRIO E O SIMBÓLICO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Maria Melania Wagner Pokorski<sup>1</sup>

## Resumo

Nosso artigo objetiva descrever alguns conceitos psicanalíticos implicados na constituição do sujeito. Pretendemos examinar o que corresponde ao registro imaginário e ao simbólico, ao narcisismo primário e secundário, ao estágio do espelho, bem como a importância da entrada do pai na relação triangular edípica, nomeado pela mãe, rompendo com a relação dual (mãe-bebê). Além disso, achamos imprescindível destacar o significado do recalque para a constituição do sujeito e seus diferentes momentos, que Freud descreve como: originário, secundário e recalque propriamente dito. Por fim, pontuamos as repercussões de possíveis falhas na constituição do sujeito, quando ocorre uma psicose, onde “a castração rejeitada do simbólico reaparece no real”.

**Palavras-chave:** Sujeito. Imaginário. Simbólico. Recalque e Real.

## Introdução

Nos referenciais da Psicanálise encontramos diferentes “estados transitórios”, que fazem parte da organização e da estrutura psíquica do sujeito: eu ideal e ideal do eu; psicose e neurose; narcisismo primário e secundário; posição esquizoparanóide e depressiva. Os estados transitórios estão vinculados às situações de: necessidade, pulsão, desejo, identificação, fantasia, clivagem, trauma, defesa, sonho, conflito edípico, castração, recalque, sublimação, forclusão entre outros.

Nasio (2001) descreve casos de psicose com falhas na inscrição simbólica. Entre os casos cita Dick, uma menina de 4 anos de idade, que Melanie Klein, em janeiro de 1929, diagnostica de criança psicótica. Seu desenvolvimento intelectual situa-se entre 15-18 meses. Seu vocabulário é restrito e incorreto. Apresenta insensibilidade à dor ou ao toque. Dick não simboliza. Mostra-se paralisada e detida. O objetivo da análise é construir o processo de simbolização. A análise continuou até 1946, quando Dick passa a ser caracterizada como uma “tagarela”.

Outro caso descrito por Nasio (2001) é do jovem Dominique Bel. Com 14 anos de idade, manifesta uma fobia generalizada. Dolto, em 1964 dá o diagnóstico de esquizofrênico. Com 7 anos de idade apresentava atraso escolar, bem como enurese e encopresia, resultantes do nascimento da irmã que é três anos mais nova que ele. Dolto ocupa-se em reconstruir a história edípica dos pais e o progressivo distanciamento de Dominique de um clima familiar incestuoso.

Nos atendimentos, no consultório, com frequência percebemos crianças com “falhas” no processo de simbolização. Pedro, por exemplo, com 7 anos de idade, 2ª série do Ensino Fundamental, manifesta forte resistência a fazer o “tema escolar” ou outras atividades que envolvam o registro gráfico. Queixa-se que a mão dói ou que o cansaço é grande. É filho do segundo casamento, sendo que os pais já têm outros filhos do primeiro casamento. Pedro não foi planejado. Pedro passa a maior parte do tempo com a mãe e quando o pai não está, dorme com a mãe.

O que pertence ao imaginário e o que é próprio do simbólico? Como isto se constitui ou se estrutura e o que está envolvido? Qual a relação do estágio do espelho e do recalque

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Psicopedagoga, Psicanalista – Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do RS, Professora da FAPA em cursos de Graduação e Pós-Graduação.

com o imaginário e o simbólico? Quais as diferentes concepções sobre o imaginário e o simbólico dentro da Psicanálise?

A partir dos casos exemplificados e dos questionamentos feitos, nossa intenção não é de enquadrar os referenciais psicanalíticos, como na lenda de Procusto, que visava a ‘normalização’, mas pretendemos examinar alguns conceitos e algumas concepções que envolvem especificamente o Imaginário e o Simbólico. Sabemos que para Lacan na reformulação estrutural, o lugar dominante na tópica até 1970 era o simbólico. A ordem das instâncias psíquicas era então o Simbólico, Imaginário e o Real (S.I.R). Em seguida, numa lógica diferente a ênfase ficou no Real (da psicose) em detrimento do Simbólico e do Imaginário (R.S.I.). O Real tornou-se o lugar da loucura, lugar da simbolização impossível. A seguir investigaremos o estudo do Imaginário e do Simbólico a partir de diferentes autores da Psicanálise.

### **Características da Constituição do Sujeito**

Segundo Kusnetzoff (1982) pertence ao registro imaginário a ilusão, o sempre igual, a imagem e a semelhança do outro. O registro simbólico compreende o diferente, a noção de cultura, o ordenamento social, a denúncia de que não se é semelhante e que estamos incluídos em leis universais que nos governam, como por exemplo: o desenvolvimento psicosssexual e o complexo de Édipo. Assim, enquanto o registro imaginário corresponde ao narcisismo primário, o registro simbólico pertence ao narcisismo secundário.

O que é narcisismo?

Assim como o narcisismo tem sua história na ontogênese, também na Psicanálise tem seu período de evolução, marcado por diferentes concepções.

Roudinesco (1998) afirma que foi Alfred Binet, no final do século XIX, a utilizar pela primeira vez o termo narcisismo, considerando que a própria pessoa toma-se como objeto sexual. Na tradição grega o significado de narcisismo é o amor de um indivíduo por si mesmo. No mito – Narciso é de uma beleza ímpar que, ao ver sua imagem refletida na água, apaixona-se por esta imagem e mergulha os braços para abraçá-la. Até o século XIX o termo narcisismo era caracterizado como o amor da pessoa por si mesma.

Freud utilizou a primeira vez o termo narcisismo em 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, onde fala dos ‘invertidos’ que “tomam a si mesmos como objetos sexuais, o semelhante será amado tal como sua mãe o amou”. Em 1910, no ensaio “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” e, em 1911 no estudo do caso Schreber, Freud entende o narcisismo com um estágio da evolução da libido. Com o termo ‘libido’ designa a energia sexual que parte do corpo e investe os objetos. Em 1914, apresenta uma “Sobre o narcisismo: uma introdução” e, com a descrição da segunda tópica, em 1920-3, “O Id e o Ego” Freud faz a distinção entre narcisismo primário e secundário.

Mas, como o narcisismo se organiza na evolução ou na estruturação psíquica nos primeiros anos de vida?

No início as sensações são de prazer ou desprazer. O bebê engole o que é bom (introjeta) e cospe o que é mau (projeta). A introjeção e a projeção são então os mecanismos básicos. Aos poucos, o instinto que é biológico transforma-se em pulsão, que é da ordem psicológica. O biológico com sua **necessidade** requer um objeto concreto, o alimento. A partir do objeto adquirido, a criança possui uma representação da satisfação da **necessidade**. Sua demanda passa a ser a reaparição do objeto primeiro e **fantasiado**. Apoiada na necessidade **deseja** igualar a satisfação a uma ou a mais experiências anteriores. Porém, como é um

**desejo**, está fadado a nunca ser alcançado. Porque no **desejo**, que implica o conceito de **pulsão**, há uma modificação do objeto, requer leite e alguma coisa a mais, um plus na satisfação.

Para Garcia-Roza (2002, p. 144) na **necessidade** “essa tensão é de ordem física, biológica, e encontra sua satisfação através de uma ação específica visando a um objeto específico. [...] enquanto o **desejo** não implica uma relação com um objeto real, mas com um **fantasma**. [...] O objeto do **desejo** é uma falta e não algo que proporcionará uma satisfação” (grifo nosso). O **desejo** é uma ideia ou um pensamento, que se dá pela representação e é com um objeto **fantasiado**. O **desejo** quer realizar-se, diferentemente da **pulsão** que busca a satisfação.

Freud, em 1905, descreve, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, um estado anterior ao narcisismo chamado de auto-erotismo. O auto-erotismo é o estrato sexual mais primitivo, estado inicial da libido, o corpo é sentido ainda como fragmentado, pois não há ainda uma unidade, ou seja, um ‘eu’ constituído. Assim, o eu primeiro é corporal. Garcia-Roza (2002, p. 99) diz que “Anteriormente à fase auto-erótica, na qual a pulsão perde seu objeto, há uma fase na qual a pulsão se satisfaz por ‘apoio’ na pulsão de autoconservação e essa satisfação se dá graças a um objeto: o seio materno”.

Enquanto que o objeto do instinto é o alimento, o objeto da pulsão é o seio materno, que é um objeto externo ao corpo do bebê. Quando este objeto externo é abandonado, Garcia-Roza (2002, p. 100) acrescenta “tanto o objetivo quanto o objeto ganham autonomia com respeito à alimentação, que se constitui o protótipo da sexualidade oral para Freud: o chupar o dedo. Tem início, então, o auto-erotismo”.

O auto-erotismo, anterior ao narcisismo, marca um estado original da sexualidade infantil, onde a pulsão sexual encontra satisfação parcial, sem buscar um objeto externo. O que a criança busca não é a satisfação de uma necessidade, mas um “*prazer*” experimentado anteriormente e que quer repetir e rememorar. Ao auto-erotismo acrescenta-se o “eu”, para dar forma ao narcisismo. Para Garcia-Roza (1995, p. 42) “O narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu”.

O narcisismo primário mencionado por Freud é um estado que não pode ser observado diretamente, mas que podemos formular a partir de um raciocínio recorrente. O narcisismo equivale ao nascimento do “eu”. A transformação dos investimentos de objeto em **identificações** contribui para a formação do ‘eu’. Segundo Nasio (1997, p. 55) “podemos considerar que o eu resulta de uma série de ‘traços’ do objeto que se inscrevem inconscientemente: o **eu** assume os traços do objeto. Podemos assim fazer uma representação do **eu** como uma **cebola** formada por diferentes camadas de **identificações com o outro**” (grifo nosso).

Não podemos deixar de registrar que o narcisismo do bebê constrói-se a partir do narcisismo dos pais. Para Freud (1996, p. 98), “o amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”.

Para Garcia-Roza (1995) as características do narcisismo primário são: o eu ideal, as idealizações, a onipotência, a imagem corporal, o imaginário e se alimenta da imagem dos pais. O narcisismo secundário compreende o ideal do eu, a identificação com o outro, a lei e o simbólico. Nasio (1997) chama a atenção para o elemento mais importante que vem perturbar o narcisismo primário, que é o ‘complexo de **castração**’. Aqui percebe-se a incompletude que deseja recuperar a perfeição narcísica.

A criança aceita a ordem simbólica através da ordem imaginária, isto é, os seus desejos passam primeiro pelo outro especular, que podem ser aprovados ou reprovados, aceitos ou recusados. É através disso que a criança faz a aprendizagem da ordem simbólica e aceita o seu fundamento que é a lei.

O **ideal do eu** corresponde a um conjunto de traços simbólicos implicados pela linguagem, pelas leis e pela sociedade. O **ideal do eu** organiza-se por exigências externas à criança, por imperativos éticos transmitidos pelos pais, exigências estas que procurará atender. Garcia-Roza (1995, p. 69) assinala para a importância das exigências “Veiculadas pela linguagem, elas operam a mediação entre o **eu e o outro**, necessária para que seja superada a relação imaginária. Desta forma, o simbólico passa a prevalecer sobre o imaginário, organizando-o. Essa é a **identificação narcísica secundária, identificação ao outro** tomado como **ideal** do eu” (grifo nosso).

O simbólico traz a marca de uma relação **sublimada**. O imaginário é marcado pela idealização e pela relação **dual**.

Como vimos, o narcisismo organiza-se e estrutura-se do eu ideal/imaginário (primário) para o ideal do eu/simbólico (secundário), numa forma sequenciada. Porém o adulto oscila entre o narcisismo primário e secundário, assim como entre a posição esquizoparanóide e a posição depressiva, que é outro entendimento da organização estrutural psíquica, descrita por Melanie Klein.

Outra concepção sobre a constituição do ‘eu’ foi elaborada por Lacan (apud ROUDINESCO, 1998), que descreve o estágio do espelho, como um momento psíquico da evolução humana, que organiza-se entre o 6<sup>o</sup> e o 18<sup>o</sup> mês de vida. O bebê antecipa o domínio sobre sua unidade corporal, a partir da **identificação** com a imagem do semelhante e da percepção, no espelho, de sua própria imagem.

Roudinesco (1998) descreve que Lacan baseou-se na “prova do espelho” utilizada por Henri Wallon. Com essa experiência o bebê, progressivamente distingue seu próprio corpo refletido no espelho. Porém, Lacan transformou a “prova do espelho” em “estágio do espelho”.

Garcia-Roza (2002, p. 212) ressalta que para Lacan essa experiência do espelho é fundamental para o bebê “identifica a matriz a partir da qual se formará um primeiro esboço do eu. [...] Essa fase é ainda dominada pelo imaginário e o que aí se produz é apenas um eu especular. O **sujeito** será produzido somente quando da passagem do **imaginário ao simbólico**, isto é, através da linguagem” (grifo nosso).

O estágio do espelho, não se refere, necessariamente, a uma experiência diante de um espelho concreto, mas assinala uma relação do bebê com seu semelhante que possibilita uma demarcação da **totalidade do seu corpo**. Esta relação que é em nível imaginário e é caracterizada como uma relação dual.

Para romper o tipo de relação dual, são necessários a linguagem, o ingresso na cultura e, principalmente, a entrada do terceiro nomeado pela mãe, ou seja, a entrada do pai em cena, que corresponde ao momento edípico. O Édipo demarca uma passagem do **imaginário ao simbólico**.

Esta passagem do imaginário ao simbólico, em termos antropológicos, corresponde à passagem da natureza ou da barbárie à cultura, que é marcada pelo interdito e representa à regra, a norma, a lei. Enquanto que o natural é o universal e o igual para todos.

Para a Psicanálise, Garcia-Roza (2002, p. 175-6) destaca que “só há o inconsciente se houver o simbólico. [...] É o recalçamento que produz o inconsciente e isso só ocorre por

exigência do simbólico”. Acrescenta sobre a importância da linguagem “É a aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a consequente clivagem da subjetividade. No entanto, a linguagem é um instrumento do consciente e não do inconsciente. Este é constituído sobretudo de representações imagéticas, ficando a linguagem restrita ao campo do pré-consciente/consciente”.

A partir da Psicanálise a subjetividade é uma realidade dividida ou clivada em dois sistemas: o inconsciente e o pré-consciente/consciente; com uma luta interna, onde a razão é apenas um efeito de superfície.

Mas o que é recalçamento ou recalque que produz o inconsciente?

O tema recalque é bastante abrangente e complexo, com diferentes pontos de vista em sua história conceitual, porém, em nosso artigo damos destaque a algumas concepções que possam contribuir para o entendimento do imaginário e do simbólico, ou seja, a constituição do sujeito.

Para Freud a teoria do recalque significa “o pilar sobre o qual repousa o edifício da psicanálise”. Roudinesco (1998, p. 647) diz que o recalque “designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. [...] o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente”.

Nasio (1999, p. 31) faz um esquema dos quatro tempos do funcionamento psíquico onde o recalçamento está presente. “1. Movimento contínuo da energia em direção ao prazer absoluto. 2. Barra do recalçamento que se opõe à movimentação da energia. 3. Energia que não transpõe a barra do recalçamento e dá início a uma nova excitação. 4. Energia que transpõe a barra do recalçamento e se exterioriza sob a forma do prazer parcial inerente às formações do inconsciente”. Nasio entende a lógica de Freud dos quatro tempos como: “o que empurra, o que detém, o que resta e o que passa”.

O recalque foi descrito por Freud como: o originário, o secundário e o recalque propriamente dito.

O recalque originário é constituído de “representações da pulsão”, que são imagens de objetos ou partes do objeto inscritos no sistema mnêmico, que correspondem ao “imaginário visual”, anterior a representação de palavras. Para Garcia-Roza (2002, p. 162) “aquém do simbólico, da linguagem, lugar privilegiado da psicanálise, situa-se o imaginário. Aquém do imaginário, situa-se o impensável: a pulsão. Os significantes elementares do inconsciente são esses representantes imagéticos da pulsão e não a pulsão propriamente dita. Esta fica remetida a um lugar mítico do qual só se pode falar por metáforas”. Assim, numa escala de evolução podemos entender que a natureza do **recalque originário inicia-se no mítico**, passa para o representante ideativo da pulsão, segue a pulsão, o imaginário e o simbólico, esse último requer a linguagem.

O recalque originário é o responsável pela **clivagem** do psiquismo em instâncias diferenciadas: o sistema inconsciente e o pré-consciente/consciente. O recalque secundário é um processo que pressupõe a clivagem. A função do recalque é a de impedir que certas representações do inconsciente tenham acesso ao pré-consciente/consciente.

O objeto do recalçamento é o representante ideativo e não o afeto. Uma vez que o afeto não pode tornar-se inconsciente, isto é, não há afeto inconsciente e sim a ideia à qual o afeto está ligado. Garcia-Roza (2002, p. 164-5) mostra que “do ponto de vista econômico é muito mais importante o destino de afeto ligado a um representante ideativo no recalçado do

que o destino do representante propriamente dito. A razão disso está em que a parte quantitativa da pulsão só se exprime em afetos”Freud ilustra os destinos do representante ideativo e do afeto, através dos quadros clínicos: a neurose de angústia, a histeria de conversão e a neurose obsessiva.

Quanto ao recalçamento há experiências inscritas no inconsciente cuja significação inexistente para a pessoa e que têm o seu acesso barrado à consciência. Para Garcia-Roza (2002, p. 159) “Essas inscrições se dão antes do ingresso no simbólico e permanecem até que recebem significação a partir do momento em que o sujeito atinge a verbalização. É somente ao receber significação por parte do sistema simbólico que seu caráter traumático vai ser experienciado pelo sujeito e ocorrerá o recalçamento propriamente dito”.

Na constituição do sujeito podem ocorrer falhas, como no caso Scheber descrito por Freud em 1911, o que levou Lacan (apud NASIO, 1997) a elaborar um mecanismo que explicaria o fenômeno psicótico, a forclusão.

O conceito de forclusão é uma construção teórica que procura explicar o mecanismo psíquico na origem da psicose. Para Nasio (1997, p. 149) “Essas manifestações clínicas. [...] seriam todas ocasionadas por uma desordem na **simbolização** da experiência da **castração**. [...] forclusão é o nome que a psicanálise dá à falta de inscrição, no inconsciente, da experiência normativa da **castração**, experiência crucial que, na medida que é **simbolizada**, permite à criança assumir seu próprio sexo e, desse modo, tornar-se capaz de reconhecer seus limites. [...] essa **falta de simbolização da castração** se traduz, particularmente, por uma incerteza do paciente psicótico com respeito a sua identidade sexual e por uma perda do sentido da realidade” (grifo nosso).

Para Freud a psicose é uma **incapacidade do eu** de se defender contra o perigo de uma representação psíquica intolerável. Nasio (1997, p. 151-2) menciona que a criança “compreendeu que seu pênis estava ameaçado, a partir da constatação da falta na mãe e a partir da internalização da proibição do pai; agora, a criança se decide a perder a mãe, objeto de seu desejo, para salvar seu próprio sexo. Essa crise que ela teve que atravessar certamente foi fecunda e estruturante, já que ela se tornou capaz de assumir sua falta e de produzir seu próprio limite, mas dessa experiência seu eu nada mais quer saber. O registro da experiência da castração no inconsciente é aquilo que Freud denomina de ‘representação intolerável’, e é contra essa representação que o eu se defende, por vezes segundo um modo psicótico (forclusão)”.

Para Lacan (apud NASIO 1997, p, 163) “A castração rejeitada do simbólico reaparece em outro lugar, no real. [...] É num acidente desse registro (simbólico) e do que ali se consuma, a saber, a forclusão do Nome do Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que designamos a falha que dá à psicose sua condição essencial”.

## Considerações finais

Tudo indica que percorremos um longo caminho, com alguns obstáculos e algumas dúvidas, para elucidar um pouco o que caracteriza os estados transitórios do imaginário e do simbólico e que aspectos estão neles contidos.

Elaboramos uma reflexão sobre o que é necessário para o ‘eu’ se constituir e chegar a ser um ‘sujeito’, uma vez que o ‘eu’ só se torna ‘sujeito’ na passagem do imaginário ao simbólico, através da linguagem. A importância do ambiente, das funções materna e paterna, da família é básica, para que a criança possa evoluir em seu desenvolvimento e na sua estruturação psíquica.

Os três casos mencionados na introdução apresentam ‘falhas’ quanto à simbolização. Segundo Bion (apud ZIMERMAN, 1995, p. 114), “a capacidade de formar símbolos depende, portanto, da capacidade do eu em suportar perdas e substituí-las por símbolos. A capacidade em suportar perdas, por sua vez, depende do fato de ter havido a passagem da posição esquizoparanóide para a posição depressiva”. O que em nosso texto corresponde à passagem do imaginário ao simbólico.

Mas, quais as perdas que a criança não tolera ou não suporta?

Perdas são coisas suas das quais não quer abrir mão, situações, objetos ou proibições, que geram ansiedades. Enfim, como diz Dolto (apud NASIO, 2001) a castração simbologênica, que corresponde a alguma proibição em cada fase erógena do desenvolvimento. Aos pais cabe dar a castração. Na fase oral a castração é o desmame, a perda do corpo-a-corpo e a introdução da palavra. Na fase anal a castração implica em um domínio muscular (controle esfinteriano) e a introdução de regras. Na fase fálica a castração refere-se à aceitação da proibição do incesto.

Com a aceitação da proibição do incesto, a fantasia edípica e a investigação sexual caem sob o domínio do recalque. Porém, uma parte ‘sublima-se’ em pulsão de saber e a criança entra no mundo da cultura.

Quando esse processo continua com falhas, ou seja, quando não há a passagem do imaginário ao simbólico, temos as características da psicose, que Freud (apud NASIO 1997, p. 150) denomina de “defesa inadequada e mórbida contra o perigo da lembrança da castração”.

## REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, v. 3.
- KUSNETZOFF, Juan. *Introdução à psicopatologia psicanalítica*. Nova Fronteira, 1982.
- McDOUGALL, Joyce. *O divã de procusto*. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- NASIO, J.D. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ROUDINESCO E. & PLON. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ZIMERMAN, David. *Bion da teoria à prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.